

preto de seda ou a trancelim de ouro, ter-se-á formado idéia de um cavalheiro daquela época.

Imaginem-se românticas melenas à Alfred Musset ou à Théophile Gautier, barba à Napoleão III, à nazarena, à andó, ou ainda à Mefistófeles, e ter-se-á, perfeito e acabado, um tipo de estudante do tempo.

Da imprensa de 1860 temos uma interessante estatística bibliográfica publicada no **Calidoscópico** e citada por Spencer Vampré na sua obra (“Memórias para a história da Academia de São Paulo”). A imprensa da capital de São Paulo publicava os seguintes jornais:

1. Políticos: **O Correio Paulistano**, dedicado aos melhoramentos materiais da Província; **A Lei**, dedicado aos interesses do Partido Conservador; **A Imprensa Paulista**, que advogava a causa liberal; **O Cruzeiro do Sul**, idem.

2. Literários: a **Revista Mensal**, de Filosofia; **Ensaio Literários**, do Ateneu Paulistano; **Memórias**, do Culto à Ciência; **Exercícios Literários**, do Clube Científico; **Murmúrios Juvenis**, do Amor à Ciência; **Esboços Literários**; **Ensaio**; o **Calidoscópico**; a **Revista Dramática**; **O Lírio**.

Com essa longa exposição quisemos dar o ambiente da cidade antes de sua transformação.

(**A Segunda Fundação de São Paulo.**)

*

DEPOIMENTO DE UM OFICIAL DA FEB

(...) Fomos então deslocados para o setor do Sopressasso, uma imensa muralha de pedra, fortemente guarnecida pelos alemães. Daí eles dominavam toda uma vasta zona e a estrada; atiravam em qualquer coisa que se movesse. A ponte Marano, por exemplo, era um ponto de bombardeio preferido por eles. Praticávamos uma verdadeira “roleta russa” ao transpor o **by pass**, pois a ponte fora destruída. Ficamos numa aldeia chamada Riola Vecchia, e o nosso pelotão ficou acantonado no **potere** de Pepino Bontà, que se recusara sair de casa, apesar da grande **paura** que sentia. A solução encontrada de burlar a vigilância alemã foi a fabricação de uma verdadeira cortina de fumaça que impedia os artilheiros alemães de enxergar os nossos movimentos. Em Riola Vecchia recebemos blusas de peles, luvas de lã, cama-saco. A neve chegara e com ela as patrulhas “brancas” em busca de informações. Às vezes patrulhas nossas se chocavam com as do inimigo, causando e recebendo baixas.

Fomos encarregados pelo comandante da nossa Companhia de fazer o Natal dos praças. Deslocamo-nos até Florença, onde conseguimos a impressão de cartões natalinos com a “cobra fumando”, que já se tornara o símbolo da nossa Divisão. Conseguimos fermento numa farmácia e o sargento Andirá arranjou vinho e **grappa** com seu sogro em Lucca, pois se casara secretamente com uma bela **signorina**. Mobilizamos as mulheres de Riola Vecchia e conseguimos oferecer aos nossos pracinhas uma **lasagna** à bolonesa e uma **torteline**, acompanhadas de vinho e grappa. Isso alegrou bastante a nossa gente, porque a alegria da primeira nevasca fora substituída pelo receio dos tombos no gelo. Na noite de São Silvestre demos uma salva de tiros de morteiros ao compasso do “Zé Pereira”, o que irritou bastante os alemães.

Em 5 de março, com hábil manobra de flanco, conseguimos tomar o famigerado Soprassasso, e continuando a progressão, chegamos a Castelnuovo di Garfagna, justamente por onde passara Aníbal em marcha contra Roma durante a Segunda Guerra Púnica. Numerosos prisioneiros foram feitos nessa ocasião.

No dia 9 estávamos em Gaggio Montano e alcançamos o Monte Belvedere, onde substituímos a famosa 10ª Divisão de Montanha dos Estados Unidos, que tomara a posição, mas sofrera pesadas baixas. Com a tomada do Monte Belvedere, a entrada do 11º R.I. em Montese, foi possível ao 1º R.I. a tomada de Monte Castello, que se tornara um símbolo de pertinácia e do valor do nosso soldado.

Fomos para Abetaia, onde substituímos o I/85º R.I. americano. Recebemos ordem de aligeirarmos as nossas bagagens e entramos em marcha de aproximação para tomarmos contacto com o inimigo em retirada. Em Lamari encontramos muitos alemães mortos, já em decomposição, o que causava um cheiro horrível. Passamos por Baraldi, tomamos Zocca em 21 de abril, e aí recebemos um estilhaço que, felizmente, só deixou um grande calombo na testa. Os alemães seguravam o nosso avanço com tanques Tigres armados com canhões de 88m. O seu fogo era dirigido do alto da torre de uma igreja. Concentramos o nosso fogo e derrubamos o observador com sino e tudo. A 2ª Companhia avançou e por incrível que possa parecer o observador apenas ficou ferido, pois preso andava amparado por dois dos nossos soldados. Continuamos a progressão rumo A Guiglia, Levizzano, Regio. Por toda a parte víamos bandeiras brancas e os camponeses vinham receber os **liberatori** com vinho e queijo. Tínhamos atingido o Vale do Pó. Em 23 de abril chegamos a Pontescadagno e depois progredimos a 27 para Colecchio. Encontramos aí uma forte resistência. Eram os alemães que

vinham de Spezzia e procuravam alcançar o Passo do Brenoro, que os levaria de volta para a Alemanha. Atacaram várias vezes, mas nós resistimos com tenacidade. Aí morreram o sargento Andirá e o soldado Silva da nossa Companhia. Tivemos também vários feridos, mas mantivemos a posição. Curioso é o fato de que agora combateríamos do Norte para o Sul, pois fizéramos um grande bolsão onde alemães e italianos ficaram confinados.

Em 29 os alemães pediram as condições para se renderem, pois não tinham mais ânimo para continuar combatendo. As negociações se iniciaram com parlamentares alemães e ficou combinado que se entregariam em Forno com armas e bagagens, ficando os seus feridos ao nosso encargo. Aprisionamos a 148ª Divisão de Infantaria, restos da 90ª Panzer Granadier (alemães) e remanescentes da Divisão Itália. (Seguem-se numerosos dados sobre prisioneiros, mortos e acidentados.)

Em seguida a FEB ocupou uma grande região do Vale do Pó, tendo o I/6º R.I. acantonado em Voghera e o QG da Divisão em Alessandria. Com o fim da guerra muitos acenderam “tochas”; tinham escapado com vida e procuravam ver alguma cousa da Itália.

Consultados se desejaríamos permanecer no serviço ativo, pedimos o repatriamento, pois desejávamos reassumir nosso curso na Universidade de São Paulo. Desligado do Regimento, viemos de jeep até Napóles, onde tomamos um avião que nos levou a Argel, Orã e finalmente Casablanca, onde deveríamos aguardar condução para o Brasil. A demora foi grande, mas aproveitamos ao máximo a nossa estada em Marrocos, visitando Fez, Marrakech e alguns oásis. O interessante é que temos uma grande dívida para com o Exército por essa parada em Marrocos, pois a tese de concurso para a cátedra de História Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que defendemos em 1946, tinha sido deixada redigida numa gaveta da escrivaninha. Sorte maior não poderíamos ter obtido. Tivemos ainda a oportunidade de receber o Regimento na Estação da Luz e desfilar com ele pelas ruas de São Paulo até o Pacaembu. O 6º R.I. bem que mereceu as palmas recebidas durante o apoteótico percurso.

(A FEB: tema para um historiador, em Rev. Inst. Hist. Geogr. Brasil., vol. 317. Rio de Janeiro, 1977.)

*

* *